

PASOLINI E O JORNALISMO ITALIANO DOS ANOS 1970

Cláudia Tavares Alves (Unicamp)¹

Resumo: O escritor italiano Pier Paolo Pasolini esteve envolvido com publicações em jornais desde o início da sua carreira, nos anos de 1940. Ao longo do tempo, essa atividade ganhou dimensões cada vez maiores e, nos anos de 1970, chegou ao seu ápice, garantindo-lhe um lugar de destaque entre os escritores-intelectuais que publicavam com certa regularidade nos jornais italianos. Devido ao caráter polêmico das reflexões presentes nesses escritos e sua repercussão para as leituras pasolinianas até os dias de hoje, a presente comunicação tem como objetivo localizar a importância de Pasolini nesse debate em jornais, além de apresentar algumas das principais características de sua produção jornalística dos anos 1970.


Palavras-chave: Pasolini; Jornais; Literatura italiana; Intelectualidade.

Nos anos em que Pier Paolo Pasolini morou em Bolonha, durante sua formação escolar e ingresso na faculdade de Letras, ele se dedicou a escrever para pequenos jornais locais. Eram textos que, timidamente, já colocavam em questão assuntos de ordem política, como a necessidade de rever o marxismo ortodoxo, e também de ordem social, como a formação da cultura italiana e a existência dos dialetos. Essa pequena produção para jornais, que remonta aos anos de 1940, ganhará novas dimensões com o passar dos anos.

Na década de 1960, destacam-se duas colunas fixas mantidas pelo escritor. De 1961 a 1965, no periódico *Vie Nuove*, publicou a sessão *Diálogos com Pasolini*, na qual respondia às cartas de seus leitores sobre assuntos variados. De 1968 a 1970, dessa vez no jornal *Tempo*, escrevia a coluna *O caos*, na qual se viam breves textos sempre sobre os mesmos assuntos políticos e sociais que interessavam ao intelectual.

No entanto, é sem dúvidas a partir dos anos de 1970 que sua inserção nesse universo de publicações em jornais adquire força e passa a atingir um público leitor cada vez maior e mais abrangente. Em 1973, é convidado para assumir uma coluna fixa, *Tribuna aberta*, no jornal *Corriere della Sera*, um dos maiores e mais lidos jornais italianos. Na ocasião, aqueles assuntos que já haviam aparecido em seus escritos jornalísticos desde as décadas anteriores se tornaram cada vez mais presentes e passaram a ser vistos sob uma ótica cada vez mais carregada de inquietações.

¹ Graduada em Estudos Literários (Unicamp), mestra e doutoranda em Teoria e História Literária (Unicamp). Contato: clautalves@gmail.com. Pesquisa financiada pela FAPESP (Processo nº 2016/07884-0).



São os escritos desse período que dão origem a dois livros de extrema importância na obra de Pasolini: *Escritos Corsários*, organizado e publicado pelo escritor em 1975, pouco antes de sua morte, e *Cartas Luteranas*, de 1976, publicado postumamente. Hoje, a certa distância das publicações em jornais, nós leitores temos acesso facilitado a esses textos em tais livros. São obras que, apesar de ainda não traduzidas integralmente para português², circulam entre bibliotecas e livrarias ao redor do mundo, com certa presença garantida entre os livros de Pasolini. Sendo assim, é natural que o primeiro contato com os escritos jornalísticos do escritor italiano se dê por meio desses livros. Entretanto, a pesquisa que proponho realizar busca fazer justamente o caminho inverso e ir em direção aos textos publicados originalmente nos jornais italianos, principalmente aqueles que saíram nos anos de 1970.


É dessa forma que essa comunicação ganha espaço em um simpósio sobre arquivos, fontes primárias e periódicos. Acreditando na importância de retornar ao contexto original de publicação dos textos jornalísticos de Pasolini, o principal objetivo de tratar com as fontes primárias, isto é, com os próprios jornais e não mais com os livros organizados posteriormente, é ampliar as possibilidades de leitura dessa parcela fundamental da produção do escritor italiano.

Entre livros e jornais

Nas capas de *Escritos corsários* e *Cartas luteranas*, em edições que saíram por volta dos anos 1990, a presença de dois subtítulos chama a atenção do leitor. No primeiro, “os interventos mais discutidos de um testemunho provocatório”; no segundo, “um corsário de nosso tempo”. A escolha de termos nesse campo semântico da polêmica e da provocação não é ingênua: revela destarte o universo argumentativo pelo qual Pasolini ficou conhecido.

O teor crítico desses interventos – que nada mais são do que os textos publicados em jornais durante a década de 1970 e em seguida reunidos em livros com poucas modificações e o acréscimo de alguns inéditos – está diretamente relacionado a temas

² Há uma antologia brasileira chamada *Os jovens infelizes* (1990), organizada e traduzida por Michel Lahud e Maria Betânia Amoroso, na qual é possível encontrar uma seleção de alguns desses textos. Além disso, foi recentemente publicada a coletânea *Poemas: Pier Paolo Pasolini* (2015), traduzida e organizada por Maurício Santana e Alfonso Berardinelli, na qual também constam alguns trechos desses textos.




bastante controversos da sociedade italiana da época. Aborto, drogas, divórcio, educação, televisão, língua italiana, partidos políticos foram algumas das questões que apareceram sistematicamente nas reflexões de Pasolini e que, por serem assuntos muito disputados pela opinião pública, nem sempre foram bem recebidos pelos leitores em geral e movimentaram os ânimos da época.

Vale notar que tais questões apareciam nesses textos a fim de corroborar teses elaboradas por Pasolini ao longo desses anos. Por exemplo, no artigo “O coito, o aborto, a falsa tolerância do poder, o conformismo dos progressistas”³, de 19 de janeiro de 1975, o escritor discute a questão da legalização do aborto, proposta por uma série de referendos que estavam prestes a serem votados na Itália. Sua posição era absolutamente contra essa medida, por entender que legalizar o aborto seria confundir liberdade sexual com uma lógica imposta pelo capitalismo e pelo consumismo. Ele acreditava que, a partir de determinado momento na Itália, isto é, a partir da consolidação desse sistema econômico, todas as relações sociais e culturais passaram a responder a esses mesmo valores econômicos. Quando se discute a possibilidade do aborto se tornar legal e, por isso, comum e naturalizado na sociedade italiana, Pasolini enxerga a lógica das relações de consumo sendo imposta também às relações sexuais, de forma que, vestidos de livres e emancipados, os jovens estariam apenas mercantilizando sua existência e seus comportamentos, inclusive o sexual.

Com posicionamentos fortes e impactantes como esse, o intelectual defendia a ocorrência de uma grande “mutação antropológica” na Itália, a qual afetava principalmente os jovens que já nasceram imersos nesse contexto tomado pelos valores do capitalismo, do consumismo e de um modo de vida burguês. A principal consequência disso tudo seria a padronização cultural desses jovens: em poucos anos, todos estariam cada vez mais parecidos entre si, independentemente de sua classe social ou de sua origem, a ponto de não ser mais possível diferenciar um jovem da periferia e um jovem do centro, ou ainda, um jovem do sul e um jovem do norte da Itália.

Quando se fala então de um “testemunho provocatório” emitido por Pasolini, o que vem à mente é justamente esse tipo de análise proposta por um intelectual

³ “Il coito, l’aborto, la falsa tolleranza del potere, il conformismo dei progressisti” (PASOLINI, 2001, pp. 372-379) é o título que o texto recebeu quando passou a integrar o livro *Escritos corsários*. Originalmente, no jornal *Corriere della Sera*, o nome do artigo é “Sou contra o aborto” (“Sono contro l’aborto”).



extremamente atento à realidade em que vivia e às mudanças que estavam ocorrendo em seu país. A própria ideia de testemunho parece funcionar bem se pensarmos em um escritor que enxergava a sociedade da qual fazia parte através de um filtro bastante particular e, portanto, pessoal. Para ele, parecia incompreensível, ou antes, inconcebível ter outra percepção que não a sua do que estava acontecendo. Por isso, o tom é sempre provocatório, angustiante, por vezes agressivo: não haveria outra maneira de falar sobre questões tão sérias para o escritor.


A própria alcunha de corsário, pela qual ficou conhecido, vem certamente do título *Escritos corsários*, escolhido pelo próprio escritor na década de 1970. Porém, é importante observar que no imaginário comum italiano, depois da repercussão dos escritos de Pasolini, o termo passa a remeter a alguém inconformado, carregado de empenho civil e de questões ideológicas⁴. Quando é então chamado de “um corsário de nosso tempo”, o intelectual está sendo reconhecido pelo caráter polemista de sua produção jornalística, o que me leva a defender a grande importância que a produção jornalística assume nas leituras da obra de Pasolini.

Esse percurso nos leva de volta aos jornais, a fim de observar de que maneira esses escritos polêmicos eram apresentados em seu contexto original de publicação. Pelos exemplares com os quais já pude ter contato, chama inicialmente a atenção o lugar que um texto de Pasolini ocupava no jornal *Corriere della Sera*. O início do artigo “Os italianos não são mais aqueles”⁵, por exemplo, aparece na primeira página, como um chamariz para o interior do jornal, onde consta o texto completo.

Partindo desse ponto de vista, não é pouca coisa quando o texto de um intelectual de esquerda ganha espaço na primeira página de um jornal do alcance do *Corriere della Sera*, um meio de comunicação de massa e de viés reconhecidamente de direita. Por isso, nesse sentido, é apenas através desse tipo de retorno às fontes primárias desses textos que é possível revelar nuances que, muitas vezes, se perderam quando da publicação em livro. O lugar ocupado por esse escritor-intelectual nas páginas do jornal pode mostrar como seus escritos assumiam uma importância significativa nas

⁴ Essa análise foi desenvolvida mais longamente na minha dissertação de mestrado, “O ensaísmo corsário de Pier Paolo Pasolini”, publicada e disponível em <repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270079/1/Alves_ClaudiaTavares_M.pdf>.

⁵ “Gli italiani non sono più quelli”, de 10 de junho de 1974, é o título original do texto que depois aparecerá como “Estudo sobre a revolução antropológica na Itália” (“Studio sulla rivoluzione antropologica in Italia”) em *Escritos corsários* (PASOLINI, 2001, pp. 307-312).



discussões referentes à sociedade italiana, além de ressignificar seu próprio fazer literário.


“Sou um intelectual, um escritor”

Por outro lado, as próprias palavras de Pasolini, quando reflete sobre o lugar que ocupa enquanto intelectual, revelam caminhos para ler sua produção jornalística. Em primeiro lugar, porque foi um artista que produziu muito, em várias esferas, de forma que sua atividade em jornais é apenas uma das várias atividades às quais se dedicava. Em segundo lugar, porque essa produção parece assumir uma certa função pedagógica e social dentro de sua obra, o que me leva a acreditar que é essencial retornar aos pensamentos que o próprio escritor tinha sobre o que seria, para ele, escrever para jornais.

Ainda na década de 1960, na abertura da coluna *O caos*, por exemplo, Pasolini se mostra preocupado com sua atuação intelectual. Ali explica como a frente jornalística se coloca para ele como um meio real de ação:

Detesto o silêncio nobre. Detesto também uma prosa ruim e apressada. Mas é melhor uma prosa ruim e apressada do que o silêncio. Um homem anda ao mesmo tempo em **várias frentes** e segue adiante a diferentes alturas. *O caos* é uma frente de **pequenas batalhas cotidianas** e, portanto, algumas vezes, também mesquinhas; encontra-se a uma **altura jornalística** (embora eu nem sempre tenha sido capaz de me manter nela, já que fiz incursões desordenadas no sentido da poesia e do ensaio) (PASOLINI, 1982, p. 193; grifo meu).

O escritor parece assumir, logo de início, a ideia de que manter uma coluna no jornal é uma frente de atuação intelectual que se conjuga às suas outras frentes, como escrever poesia e fazer cinema. Dá, porém, a essa atuação um juízo enviesado, quando pressupõe que ela será uma prosa ruim, apressada, “à altura jornalística”. Apesar desse teor, prevalece que investir em tal atividade e se dedicar a essa batalha, ainda que seja pequena e cotidiana, é melhor do que estar em silêncio. Ora, Pasolini se coloca no lugar desse intelectual que vive o dilema da real comunicação dos seus escritos: coloca-se à disposição para reinventar sua escrita, rever suas produções literárias, reconfigurar seu discurso para que ele se torne de fato uma frente de batalha.




Vale notar que esse tipo de atuação jornalística, por outro lado, não foi uma escolha feita apenas por Pasolini. Nesse período, que perpassa os anos de 1960 e de 1970, havia uma verdadeira geração de escritores-intelectuais italianos empenhados em, paralelamente à sua produção literária ficcional, ampliar seus horizontes de comunicação com um público não especializado e não reduzido aos leitores de suas literaturas. Por isso, a busca pelas publicações em jornais ganha novas significações, sobretudo no que diz respeito à presença desses intelectuais nos grandes meios de comunicação.

Alguns nomes ganham destaque nessa pesquisa por serem importantes interlocutores de Pasolini. Vale a pena citar Italo Calvino, Natalia Ginzburg, Alberto Moravia, Goffredo Parise, entre outros. É bastante recorrente notar, ao nos depararmos com os escritos jornalísticos de Pasolini, assim com os escritos jornalísticos desses outros escritores, uma verdadeira rede de diálogos mantida por eles. A dinâmica observada é basicamente baseada na ideia de provocação e respostas. Por exemplo, Pasolini publica um texto no *Corriere della Sera* sobre um dos assuntos polêmicos já citados; em seguida, alguns escritores respondem às suas provocações por meio de textos publicados no mesmo jornal ou em outros periódicos; eventualmente, o próprio Pasolini responde novamente às provocações feitas a ele pelos colegas; e assim sucessivamente.

Mais uma vez, o caso do texto em que Pasolini afirma ser contra a legalização do aborto na Itália é um bom exemplo para elucidar esse debate público de ideias. Quando escreve esse artigo, em um tom impactante, que não faz concessões ou ressalvas, o escritor compra uma briga gigantesca. São dezenas de escritores e intelectuais, homens e principalmente mulheres, que passam a usar o espaço de diversos jornais para responder às suas provocações. Algum tempo depois, o próprio Pasolini publica novos textos sobre o assunto⁶, e assim o debate continua circulando por diversos meios, passando pela perspectiva de diversos pensadores.

Nesse sentido, acredito que a atuação jornalística de Pasolini responde a um contexto maior de circulação de ideias. O momento político e social italiano, ao lado de

⁶ “Sacer” (PASOLINI, 2001, pp. 380-384), que fora publicado originalmente no *Corriere della Sera* como “Pasolini replica sobre o aborto” (“Pasolini replica sull’aborto”), de 30 de janeiro de 1975, e “Thalassa” (PASOLINI, 2001, pp. 385-389), “Uma carta de Pasolini: ‘opiniões’ sobre o aborto” (“Una lettera di Pasolini: ‘opinioni’ sull’aborto”) no jornal *Paese Sera*, de 25 de janeiro de 1975.



uma tradição já consolidada de que escritores literários escrevem também para jornais, permite levantar a hipótese de uma geração de escritores polemistas⁷ dispostos a se dedicarem a essa atividade de publicar em jornais. E, nesse contexto, o autor de *Escritos corsários* ganha uma importância fundamental por ter sido um dos mais atuantes e mais polêmicos escritores do período, como aponta a crítica literária contemporânea e também os estudos sobre sua obra.

Considerações finais (ou o que fazer com os cacos)


Diante do que foi exposto, espero ter conseguido mostrar como a produção jornalística ganha significância no conjunto da obra de Pasolini, sobretudo se vista a partir de seu contexto original de publicação. Além disso, a intenção foi mostrar de que maneira Pasolini se relacionava a uma série de outros escritores também envolvidos com essa atuação em jornais. A intenção é que, a partir dos próximos passos dessa pesquisa, que se encontra ainda em desenvolvimento, seja possível mostrar com mais precisão as minúcias desse jogo de relações.

Para concluir, volto à ideia de Pasolini pensando sobre seu fazer intelectual, sobre suas frentes de atuação e o lugar que um escritor ocupa no mundo:

(...) sou um **intelectual**, um **escritor** que tenta acompanhar tudo o que acontece, conhecer tudo o que se escreve a respeito, imaginar tudo o que não se sabe ou que se cala; que articula fatos mesmos distantes, que reúne os cacos desorganizados e fragmentários de todo um quadro político coerente, que restabelece a lógica ali onde parecem reinar a arbitrariedade, a loucura e o mistério (PASOLINI, 2015, pp. 249-251; grifo meu).

Em tempos como o que vivemos agora, no mundo todo, acredito que valha a pena lembrar a lucidez desse intelectual que, mesmo ligado ao seu próprio tempo e ao seu próprio lugar de origem, se coloca na posição daquele que está disposto e apto a imaginar o que falta, observar o que está dado e o que não está, e, a partir daí, restabelecer um fio que procure conduzir a sociedade para além da loucura e dos mistérios – que parecem ser os únicos regentes das atrocidades que estamos vivendo.

⁷ O termo foi utilizado pelo crítico e professor universitário Bruno Pischetta, no livro *Scrittori polemisti: Pasolini, Sciascia, Arbasino, Testori, Eco* (2011).



Ler Pasolini hoje, sobretudo esse escritor que não se afasta das polêmicas necessárias, que não se omite diante dos “cacos desorganizados e fragmentários”, parece ser uma atitude cada vez mais incontestável e fundamental. Uma atitude de resistência, enfim.

Referências bibliográficas

PASOLINI, Pier Paolo. *Caos: crônicas políticas*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. *Os jovens infelizes: antologia de ensaios corsários*. Trad. Michel Lahud e Maria Betânia Amoroso. Org. Michel Lahud. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *Saggi sulla politica e sulla società em I Meridiani*. Org. Walter Siti. Milão: Mondadori, 2001.

_____. *Poemas: Pier Paolo Pasolini*. Trad. Maurício Santana. Org. Alfonso Berardinelli e Maurício Santana. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

PISCHEDDA, Bruno. *Scrittori polemisti: Pasolini, Sciascia, Arbasino, Testori, Eco*. Turim: Bollati Boringhieri, 2011.